

O RIO

Marcou-me o rio.
O rio da minha infância,
dos versos sublimes
de Teófilo e Feijó,
do linho a banhar-se
na corrente,
dos cânticos
das lavadeiras,
dos estendais de roupa
de minha mãe e minha avó.

Marcou-me o rio,
tantas vezes exaltado,
a galgar o passeio impetuoso
e a levar o desassossego
aos que viviam, ordeiros,
ao seu lado.

Marcou-me o rio,
o rio que nunca se cansou
de dar nome e cor à vila;
perante o qual
o olhar sucumbe fascinado
-e fascinado em silêncio
se perfila.

YPSON

Rio nostálgico

Procuro nas margens
lânguidas do rio Lima
entre brisas e aragens
que nasçam poemas
e venham ao de cima
leves como penas
barcos de ilusões
nas águas o vento o vento recorta
nostálgicas aparições
o Lima trocista se comporta
de mim desdenhando
nada se importa
mesmo eu desviando
as pedras do seu caminho
ri-se escarninho
e sinuoso segue sozinho

Enfeito-me de flores silvestres
visto-me daquilo que acredito
Neste rio escultural e rupestre
Lanço sobre as águas o meu grito

Ecoam no crepúsculo do seu leito
murmúrios abafados da minha voz
A minha vida segue triste e sem jeito
e a do Lima desliza serena até à foz...

Pseudónimo: *ORLIMA*

“Rio Lima”

Rio Lima, Rio Lima

Nasceu no país vizinho

Água límpida, reluzente

Que corre na margem,

Margem essa, que fica na vila mais antiga

De Portugal, “Ponte de Lima”

Terra mais rica, nunca encontrei

Quem aqui chegar

Vai ter de visitar

E tudo vai encontrar

Uma ponte Medieval,

Monumentos para observar,

E ainda explorar

Vai ficar encantado

E por aqui vai querer ficar.

Para muito mais descobrir,

Rainha D. Teresa

Vai ter de procurar.

Karol

RIO LIMA, QUEBRANTO CAMINHO DO MEU SER

Recordo-me da ponte e da Igreja a adornarem as cores e a paisagem
deslumbrante onde eu, enquanto criança, chapinhava junto às margens
enquanto um barco adormecia em teu leito.

Esta é a terra da minha mãe. Terra-mãe cheia de nuas árvores.
vestida pela luz morna que dança sob as encostas mais íngremes da tua boca.

Dói-me, por vezes, o teu silêncio ao sossegar a pequena ilha
quem em ti habita. Em ti perecerei, mas, por enquanto,
sob o teu ventre e branco seio me deitarei, lambido e triste
por um dia te perder.

Bem sei que esperas, indolente, pelo regresso dos filhos que partiram
sem nunca terem partido da tua boca e do teu peito.

Em tuas lívidas e estreitas ruas de água encontrei o dose sal,
sol antiquíssimo que guarda a ígnea chave dos antepassados –
o percurso das Veigas e dos Açudes e das Lagoas e de Refóios e da Laranja.

Limia, faz anos em que perdi os olhos de tanto amar-te –
não esqueço as tuas margens e os pássaros que me rasgam o sangue,
não esqueço a violenta e serena água que de ti brota e me aflige o coração.
São meus os teus rasgados barcos ancorados na minha carne,
Tão cheios de mim quando neles brincava com o vento
e com o azul do teu fundo.

Não te esqueças, porém, que és feita de gente que te habita
E que trazem na fala o puro sabor, o ardor, o fulgor de ouro e trabalho
e também os gentes de porcelana que extinguir-se-ão
nos mais íntimos recantos do teu corpo.

Em todas as fontes beber-te-ei e não apagarei a minha tão grande sede.
E longe, tão longe, tão perto de ti estarei ó rio do esquecimento,
porque o meu caminho cresce vincado na tua memória.

E contemplarei as mais frondosas nuvens que, sem demora, inclinar-se-ão,
Perante ti, envergonhadas com a tamanha ternura que sai do teu seio –

Talariño; Freixo; Mourenzo;

e Espanha até ao Minho, o Atlântico é a foz dos meus tão insatisfeitos lábios.

Rio Lima um mar de poesia

Levas contigo

as palavras cantadas

dos poetas

esquecidos

e nas margens repletas de verdura

repousa a saudade

do tempo vivido

És testemunha viva

dos amores e desamores

dos beijos

dos sorrisos

das declarações de amor

Não fosses tu rio

Um mar de poesia

A brotar das nossas mãos

Nádia Lino

Rio Lima

De Talariño a Viana

Corre um Rio que carrega em suas águas

As mágoas de um povo.

Sua beleza e energia emana a calma

Águas onde tudo se esquece

Servindo de alento aos narradores de lendas

Que Brutus desmistificou

Atrevendo-se sozinho

Espelhada coragem aos que o seguiram.

Não é o rio encantado

Mas que de encantos nos rende,

Não é o Rio encantado

Tocado pelo desenvolvimento

Do tempo que o teima em destruir

Onde na fortuna das águas

Gotas formosas sacras,

Fortalecem os campos e gentes

Regando o seu sustento.

Rio Lima sem esquecimento!

Enlaça as tuas margens naturais

Leva contigo o peso das mágoas

Ate a foz do mar imenso

Que te recebe de braços abertos

Te liberta e purifica

Com o seu purificado sal,

Das águas profundas de Portugal.

Rosazita

Rio Lima

No remanso da noite
ou na inquietude do dia
eis o cenário
o rio Lima

Todo ele iluminado
ladeado de verdura
de gente boa
laboriosa
gente de infinda candura

Fabulado rio do esquecimento
rio "Lethes" apelidado
estende-se num longo braço
de luminosidade
de sorrisos e...
beijos mergulhados
nesta vila
e mais antiga

Apartando a saudade

Nádia Pinto

“Rio Lima”

Rio Lima, Rio Lima...
Que posso de ti dizer
És rio de grande beleza
Nasceste na nossa
Vizinha Espanha
Mas é aqui o nosso
Portugal aonde tu vens ter

Percorres pontes
Vales e montes
Passas pela linda
Serra do Gerês, e da Peneda
Mostrando assim tua grande beleza...

Percorrendo dessa forma
Tão bela natureza
Cantando às pedras que passas
De que és p rio Lima
Único e sem igual

Os que se abeiram de ti
Não se cansam de te elogiar
Onde muitos casais
Acabam por se apaixonar
Dando até o primeiro beijo
Acabando por casar

E em ti deslizam águas
Branças, e serenas
E são muitos
Os que te adoram
E onde se vão banhar

Antes de passares
Ao oceano Atlântico
É na cidade de Viana
Que tu vens desaguar
E é o coração do Minho
Que te acolhe com carinho
E tu escolhes para ficar

Marie Rose

Rio Lima

És a lenda e a realidade.
A aldeia, a vila, a cidade.
És nosso e és do mundo.
A nascente e a foz.
O largo e o profundo.
O mais belo e o atroz.
O que dá e o que tira.
O fértil e o nefasto.
A verdade e a mentira.
O ínfimo e o vasto.
O traiçoeiro que mata.
O impiedoso e brutal,
Carniceiro infernal.
O translúcido e opaco.
És um bicho do mato,
Que se esconde no escuro,
À espera da hora,
Em que levas embora
O mais fraco e o mais duro.
És a natureza invencível
Que arrasta e destrói.
És a força invisível
Que enluta e que traz
A ausência que dói.
Isto és tu, na verdade?
Tanta dor e maldade?
Não, também és esquecimento
Que traz paz ao tormento.
O que vem e que passa.
O que acolhe e abraça.
O espelho em que se olha,
O que ri e que chora,
O mais velho e mais novo,
O poder e o povo.
És o certo e o dúbio.
O nada e o tudo.
A inspiração do poeta.
A partida e a meta,
A derrota e a vitória,
Onde o residente atleta
Tenta alcançar a glória.
És a voz que murmura.
O silêncio da alma.
A vivência mais dura.
O sussurro que acalma.
Quem és tu afinal?
A metáfora da vida
Que nasce, cresce e se finda.
O paradoxo final

Porque és o bem e o mal.
És o alento no estio
E do corpo o refrigério.
Todos te chamam de rio.
Eu chamo-te mistério.

João Seara

Rio Lima

Outrora,
havia quem dizia,
que quem atravessasse o Rio Lima
para a outra margem
de tudo se esqueceria.
E este rio denominado “ Rio do Esquecimento”
intimidava a sua passagem,
permanecendo na mente dos homens
que quem o mergulhasse
sua pátria dissipar-se-ia numa nuvem negra
e tudo se evaporaria.

Esta lenda de há muitos anos faz-nos recordar
o que se passou com os marinheiros de Ulisses
que, enfeitiçados pela beleza de uma mulher,
ingeriram o licor que a feiticeira Circe lhes dera,
família, pátria e até o seu próprio nome já nada lhe dizia,
no entanto,
Décio Júnior Bruto foi obstinado
e, munido de uma força de vontade própria,
fez a sua tenebrosa travessia.

Denominado por “Lethes”,
foi assim o Rio Lima batizado.
Nascido de uma serra galega,
tão azul, tão límpido,
hoje pelo seu fiel povo é idolatrado.

Conseguiu, através de inúmeras legiões que o avistaram,
seu reflexo rodeado por igrejas
e santuário milagreiros perpetuar,
e o seu nome por vales e planícies ecoar.

Rio Lima,
alimentaste as almas dos esfomeados
que não tinham o que manjar
e nas tuas margens
saciaste a sede do pobre pastor
cujas águas límpidas e azuis
as ovelhas bebiam com furor.
Rio Lima,
meu rimo lima,
falar sobre ti,
é o elixir da tua história que minha alma de poetisa ilumina.

Rio Lima

Tantos segredos guardas
A ninguém os contas Somente à Lua desvendadas
Quando com ela te encontras.
São as memórias de uma Lenda
Que guardas no coração
O esquecimento ninguém desvende
Será verdade esta lenda, ou não?
Nas tuas margens já viste
Um namoro a começar
Tantas promessas ouviste
A ninguém as vais contar.
Despedes-te da Lua, o Sol vai nascer
O limiano vai trabalhar
Passa por ti a agradecer
Com a sua amada vai casar.
Nesta lila de Ponte de Lima
És pelo povo acarinhado
A ponte que por ti passa
Recorda um tempo passado.
Fazes parte da história
Os limianos não esquecem
Este poema é uma dedicatória
De alguém, e de todos que te conhecem.

Quando a Lua em ti reflete
Serve de inspiração ao poeta
Ele não sabe o que lhe contas Mas o seu poema
completa.
Do mundo atrais visitantes
Que apreciam a tua beleza
As tuas águas brilhantes São sinal da tua
pureza.
Já acolheste aquela lágrima
Que teimou em cair Sobeste tão bem acalmar
Quem precisou descontraír.
Tantos segredos guardas
A ninguém os contas Somente à Lua desvendadas
Quando com ela te encontras.

Alice Costa

Água que lavam as penas

Ai Lima da plena criação concedei-me vos num só momento,
Permitir implorar que do teus vigores, do teu tálamo imperecível,
Me outorgais dum restante demasiado do teu prenhe vazamento,
Umás gotas sobejam-tas caídas do teu correr perene indestrutível.

E se no monte Talariño vosso eco apartaste ate além-mundo,
Vejam os olhos do Criador espelhados na clareza na quadra na mansa água,
Que se agita vesana nos tempos invernaos quebrada bem fundo,
Levando dores ao seu estuário e aí purgando toda a mágoa.

Ai sapienciais que oscilais duvidosos dos solos que ele beijou,
Correndo pelas deslumbrantes pedras da tua secular ponte romanceada,

Rejubilai, pois do infindo céu se fará advir a voz daquele que com amor o criou,
E fará jorrar novas águas que purgarão o imenso caudal de um novo cristalizado.

Ramatis

LIMA RIO DE AMOR

Nasço em São Mamede,
em terras de Espanha,
num berço de ervas sem leite.
Não sou rio, nessa montanha,
sou um fio,
uma criança,
fonte de vida e d'esperança
que corre pelos campos a eito.

Na fronteira Lusa,
como temido forasteiro,
já não corro.
Sou detido na eclusa
E fico prisioneiro.

No Lindoso,
onde lamento minhas mágoas,
já não sou perigoso.
Sou lago tranquilo e vaidoso,
Espelho de mansas águas.

Depois, unido ao Laboreiro,
sou mais forte,
outra vez rio!
Inebriado com tanta beleza
canto e danço horas a fio.
Sou livre,
até parar noutra represa.

De novo cativo,
mas já adulto e sem medo,
sou de novo um lago manso.
Depois logo avanço,
virando as costas a Touvedo.

Por terras de Bernardes
salto de pedra em pedra
com o Vez de mão dada.
Agora sou um rio grande
e não há quem me abrande
na minha longa caminhada!

Na Vila de D. Teresa,
por entre veigas e vinhedos,
inspiro poetas e pintores.
Sou cúmplice de namorados
e de camponeses com arados
que cantam os seus amores!

Muito perto do fim
cumpro meu destino
e entro no mar salgado.
Eis meu último leite,
Amor infinito, alargado!

Já não penso em mim! |

“RIO LIMA”

Olhando o sol que vai nascendo
Humedecendo os arcos da velha Ponte
Lá vai o rio correndo
Atravessando vales e montes!

Corre manso sossegado
Águas límpidas e serenas
Lá vai para o mar salgado
Levando consigo as lendas!

És diferente em cada hora
És música, és pranto
És impetuoso, murmurante
Tens a beleza de um diamante!

Rio, Rio Lima encantador
Luz intensa, tanta cor
Lendas, beleza, fantasia
Rio de poetas e de poesia!

Rio de inspiração e sedução
Tão cheio de graça, altivo e forte
Olho para ti com admiração
Porque és vaidoso, não perdes o porte!

Rio da minha terra, doce encanto
De belas margens, tanta flor
Aléas verdejantes, tanta cor
Rio soberbo, rio de amor!

António Feijó

HÁS-DE SER LETHES

Hás-de ser quase parado
Quinto nascido no assombro
De um inferno inventado
E nas águas seu rio.

Hás-de ser lá longe Límia
E descer a estrada cavada
Onde as sombras são bebidas
Da lembrança que não haja.

Hás-de ser egrégio Lima
De verdes e castos mortórios
Fecundo sangue esticando terra
E areias prateadas reais.

Hás-de ser um maldito
De bruma cega aleijada
Leito de almas lavadas
Irmão-gémeo de Estige.

(Afonso Mena)

À margem

Reclinada na tua margem
Acaricio tuas águas.
Ai meu flúmen...
Trazes-me memórias
Justaposta ao teu leito
Daquele jeito:
Como brisa suave
Com carinho.
Corrente de saudade!
Desejo de ver Viana,
Ser parte do mar.

Desfila o Lima
Passando Xinzo e Ponte,
Saltitando pedras e montes.
Move moinhos, move sonhos.

Água viva, cristal fundente
Matéria-prima de fantasia.
Refletes-me no teu corpo
De terno e lento movimento;
É agora que vejo
Quanto se espalha em ti.
Vales floridos, flores caídas
Decoram de cor
Teu leito de cetim
Onde deixo recair o corpo
Na sede da lembrança
Que desperta, que alenta...

Ali o vejo, quando te olho.
Junto a mim no mar de fantasia
Entre as cores e o teu brilho
Ao som dos salpicos
E dos saltitos dos teus seres.

Quando mergulho na saudade
- Essa forma de eternidade –
Entro na sua dança
E deixo ficar o pensamento.
Fico então aqui reclinada
À margem deste rio,
Meu rio, Rio Lima.

Ccastro